

ACEVEDO DÍAZ E ALDYR SCHLEE: DUAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO VIOLENTO CONTEXTO DE FORMAÇÃO DAS FRONTEIRAS PAMPIANAS

(Acevedo Díaz and Aldyr Schlee: two female representations in the violent context of the formation of *Pampas* boundaries)

Fabiane de Oliveira Resende¹

RESUMO: Na representação de dois episódios de combate, a abordagem de um dos temas mais ficcionalizados pela literatura de temário rural no Rio Grande do Sul e no Uruguai – a violência; nos dois contos analisados, a mulher ocupa a posição de protagonista de ações eminentemente masculinas, subvertendo o contexto e a hierarquia da época e também a tradição literária pampiana, que elege o homem como protagonista do fazer. O referido tema é entendido ainda como ponto de contato entre os dois sistemas literários em questão, contribuindo com a investigação que visa analisá-los em conjunto, na esteira da proposta de Angel Rama, de conformação da comarca cultural do pampa, percebendo semelhanças além das fronteiras geopolíticas.

Palavras-chave: literatura sul-rio-grandense; literatura uruguaia; mulher; violência; território de fronteira.

ABSTRACT: In the representation of two combat episodes, one of the most fictionally-told themes in the literature of rural subjects in Rio Grande do Sul and in Uruguay – violence – is analyzed; in the two short stories under study, the woman plays the role of the eminently male protagonist of action, thus, subverting the context and the hierarchy of that time as well as the literary tradition of the Pampas, which had elected the man as the protagonist who acts. This theme, which is also understood as a contact point between both literary systems, contributes to the investigation that aims at analyzing them together, as proposed by Angel Rama who perceived similarities beyond geopolitical boundaries in the cultural setting of the *Pampas*.

Key words: literature in the south of RS state; Uruguayan literature; woman; violence; boundary lands.

Rio Grande do Sul e Uruguai: violência, história e literatura

A divisão de terras entre a América portuguesa e a espanhola, ao sul do continente, conforme todos bem sabemos, foi ponto de intensas discussões e discórdias, envolvendo a assinatura de diversos tratados ao longo de quase três séculos de derramamento de sangue e constantes demarcações de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Literatura Comparada. fabianeor@terra.com.br

fronteiras. Assim, é lícito afirmar ter sido no interior de um contexto belicoso que se deu a conformação e a divisão territorial do continente sul-americano e, posteriormente, das nações que o integram, herdeiras das velhas disputas entre as duas coroas ibéricas. Portanto, sob o signo da violência foram estabelecidos os limites territoriais imaginários de Brasil, Argentina e Uruguai, demarcados sobre o território pampiano, o qual é paradoxalmente caracterizado pela quase ausência de marcos naturais divisórios: um espaço fronteiro; uma fronteira aberta e móvel, mas durante séculos, palco de guerras e, assim sendo, representação simbólica do fechamento, da existência de limites.

O território do pampa, historicamente marcado pela violência, foi aproveitado pela literatura como berço do gaúcho/*gaucho*, primeiro representante da identidade sulina e uruguaia, caracterizado como homem campeiro, de essência guerreira e cultuador da liberdade, traços inerentes e comuns a essa representação identitária nos dois lados da fronteira. Em torno do gaúcho, seus feitos e do meio onde vive e é, ergue-se a tradição cultural nomeada gauchesca, no dizer de Cícero Galeno Lopes, uma “cultura transnacional”, que se constrói além dos limites geopolíticos que, no caso em questão, envolvem três países com histórico de guerras e disputas políticas, inclusive entre si.

Segundo os estudos da pesquisadora Cristiane Cecchia, a “literatura gauchesca forneceu matéria narrativa que se desdobrou na obra de inúmeros escritores argentinos no decorrer de todo o século XX”. (p.????), dado que podemos estender à realidade dos sistemas literários do Rio Grande do Sul e do Uruguai. Assim, dirigindo o foco para o interesse deste trabalho, voltamos à questão da violência como tema recorrente na literatura regionalista/*criolla* e determinante para a constituição física e moral do seu protagonista, o gaúcho/*gaucho*. Um tema que se desdobra e se mantém na história literária pampiana, desde a representação dos primeiros contrabandistas até à dos habitantes dos povoados e das pequenas cidades e *pueblos* do lado de cá e de lá da fronteira.

Em sua *História Literária do Rio Grande do Sul*, João Pinto da Silva (1930, p. 155) reconhece que “a expressão – *romance gaúcho* – sob o título,

autoriza o leitor a esperar, de alguma forma, tanto **os nossos** antigos regionalistas, **como os do Uruguai e os da Argentina, que abusaram de situações violentas, movendo as suas figuras por entre gritos de vingança e golpes de arma branca...** [Grifo meu] Como se vê, desde há muito se encontram imbricadas, no espaço em questão, violência, história e literatura.

A afirmação de Pinto da Silva corrobora nosso entendimento na direção de que os escritores cujos textos remontam aos tempos de formação do estado sulino e da nação uruguaia, tomem, com significativa recorrência, episódios de violência como mote dos seus relatos e para a configuração física e psicológica das personagens e do cenário no qual se movem. O pampa, então, mostra-se exigente em relação a seu habitante – histórico e literário: demanda a virilidade, a coragem e a resistência e força físicas, atributos ligados, via de regra, ao universo masculino. O homem protagoniza a função vital para o contexto da época: ele é o protetor da família e dos contornos da nação, perpetuando, à medida da recorrência à violência, a valorização da coragem desse homem peleador.

No contraponto da tradição que elege a supremacia masculina no violento universo pampiano, são aqui lidas as narrativas de Eduardo Acevedo Díaz e Aldyr Garcia Schlee, intituladas, respectivamente, “O combate da tapera”² e “As luzes do alvorecer”³, com as quais iremos nos ocupar no presente estudo.

*

A possibilidade de leitura em contraponto sustentada no parágrafo anterior justifica-se na eleição de personagens femininas para o protagonismo de ações ocorridas em um ambiente belicoso, que as impele a ir às vias de fato, lançando-se fisicamente ao enfrentamento com o inimigo. Vistas desse modo, as duas narrativas são entendidas em diálogo com a tradição

² Conto integrante do volume organizado por Aldyr Garcia Schlee, intitulado *Pátria Uruguaia* – Antologia, que reúne as traduções feitas pelo autor citado, de contos e fragmentos de romances do narrador uruguaio Eduardo Acevedo Díaz.

³ Conto pertencente ao volume intitulado *Contos de Sempre*, de autoria do contista jaguareense Aldyr Garcia Schlee.

anteriormente referida, que tem na violência uma temática assentada e no patriarcalismo uma visão consolidada.

Os contos analisados aproximam-se tematicamente, à medida que encenam situações e contextos de extrema violência situados no passado e apresentam mulheres, anônimas ou nomeadas, na condução de um papel decisivo nos respectivos combates, reservado até então ao masculino, cumprindo-o de modo “eficiente”. Com isso, subvertem, inclusive em termos físicos, corporais, a hierarquia posta e sobre a qual se solidifica a tradição que enaltece a força masculina e, por extensão, a fragilidade feminina. Trata-se de dois olhares temporalmente distantes quase um século, considerando o tempo de escrita das narrativas em questão, na direção de um passado comum, violento e rude, típico do meio rural e dos tempos de formação dos territórios sul-americanos.

Eduardo Acevedo Díaz escreve à luz de várias batalhas travadas em defesa da soberania territorial e da consolidação do sentimento de pátria uruguaia, legitimada à custa de mortes e sangue, sem dúvida, dois temas bastante presentes na produção literária daquele país ao longo de todo o século XX, a começar pela do próprio Acevedo Díaz. É oportuno registrar, no entanto, que a tematização da violência na contística uruguaia, aqui pensada em textos de temário rural, também foi largamente explorada pela literatura “montevideana”, de cenário urbano, especialmente pelos textos que remetem ao tempo de vigência do regime de ditadura militar.

Acevedo Díaz é considerado o pai da narrativa histórica uruguaia; nas palavras de Zum Felde, “puede ser considerado como el iniciador de la novela nacional; no porque haya sido el primero en cultivar el género, sino el primero en lograr obra de categoria. Sus novelas históricas representan, en efecto, la primera realización seria e durable del género narrativo en el Uruguay”. Somadas a de Zum Felde, as visões de Francisco Espínola e Javier de Viana reforçam o reconhecimento do pioneirismo de Acevedo Díaz no trato com o elemento épico, nutrido pelo argumento histórico de um processo secular de lutas revolucionárias em que esteve envolvido seu país e ele próprio. Seus dados biográficos descrevem o perfil de um lutador, nos campos e nas páginas dos jornais, assim definido pelo crítico uruguaio Arturo Sergio Visca:

“combatiente en las luchas armadas, no lo fue menos con su pluma de periodista político” (In: OREGGIONI, 2001, p. 12). Afirmam também seus biógrafos que Acevedo Díaz, na condição de jornalista, desencadeou violentas campanhas com profunda influência na vida política nacional, vivência que conferiu autenticidade à sua obra, no tratamento dado ao tema das batalhas camponesas.

O crítico João Pinto da Silva, em sua *História Literária do Rio Grande do Sul*, também se manifesta acerca do autor uruguaio, sugerindo uma aproximação entre a sua obra e a de Alcides Maya. Da mesma forma que os intelectuais da Banda Oriental, João Pinto irá destacar o teor épico do contista em questão, afirmando que o “gaúcho é um tipo de epopeia”. Para o historiador jaguarense, “Acevedo Díaz evoca diretamente os gaúchos daquelas eras [“época em que se formava, procelosamente, a sua nacionalidade”], para mostrar como eles assumiam, às vezes, proporções hercúleas, pelo físico e pelos atos” (1930, p. 159). A esse respeito, observe-se a voz de comando de Sanabria, capitão do conto acevediano, ante seus comandados: “– Fogo! – rugia a voz do sargento. – Aquele que me afrouxe eu degolo com serrote! (p. 25)

No trato dispensado ao gaúcho e à descrição de seu mundo de proporções grandiosas, a violência é presença marcante e recorrente, perpassando a obra de Eduardo Acevedo Díaz e fazendo seus críticos nela reconhecerem “páginas de brutalidade e miséria”, ou ainda “pedaços tumultuosos, pungentes, sangrentos, heroicos da vida uruguaia”.

Visca chama a atenção para a grande quantidade de tipos representativos criada pelo autor, sobre o pano de fundo histórico, destacando, entre outros, as “mujeres soldados”, tópico de interesse do presente estudo e que novamente insere o feminino no ambiente da violência. O narrador acevediano as chamará de “dragões-fêmea” e informará com muita naturalidade a presença delas, integrando o destacamento de resistência à invasão portuguesa: “Compunha-se [o destacamento] de quinze homens e de duas mulheres: homens fornidos, cabeludos, taciturnos e bravios; mulheres-dragões de vincha, sabre curvo e pé no chão”. (p.22) A naturalidade com que é percebida a presença da mulher no contexto do conto acevediano é ainda mais

evidente quando lemos a narrativa de Aldyr Schlee e, na utilização do discurso indireto livre, que mescla a voz do narrador e a do capitão, percebemos, nas reticências, a surpresa que a presença da figura feminina causa em ambos: “[...] Deixavam três de mostra! Caramba, que eram um... dois homens... e uma mulher! (p. 19)

É prudente, entretanto, não nos apressarmos em conclusões antecipadas e fechadas, já que um pouco adiante, o narrador de “O combate da tapera” torna evidente o domínio masculino, dando voz ao sargento: “– Em linha, na tapera – disse o sargento com gesto de mando. – Na retaguarda, com as mulheres, ficam os cavalos, para que pastem...” (p. 22) Ainda que participantes, ordinariamente, as mulheres não frequentam a linha de frente dos combates.

Aldyr Garcia Schlee, autor contemporâneo e tradutor, dentre outros platinos, de Eduardo Acevedo Díaz, inscreve o conto aqui analisado em seu volume de estreia, *Contos de Sempre*, situando-o na primeira parte do livro, intitulada “os de ontem”, ao lado de outras cinco narrativas ligadas ao passado pampiano, considerando sua condição de fronteira com o mundo platino e seu histórico de violência. Além do conto destacado, outros quatro também relatam episódios de violência, em todos os casos, contra a mulher, nas suas variadas manifestações: física, moral, verbal, sexual, psicológica. Na visão de conjunto dos contos “de ontem”, é preciso destacar ainda que a maioria das situações motivadoras da escrita dos textos é buscada na Bíblia cristã. Nos casos de “As luzes do alvorecer” e de “A viúva de Quinteros”, especialmente no último, o argumento é primordialmente histórico; portanto, podemos pensar nesse primeiro bloco textual como uma proposta de releituras de grandes discursos, por assim dizer, totalizadores, em especial pelo viés da condição sócio-histórica da mulher.

A gesta e a publicação de *Contos de Sempre* estão igualmente inseridas em um contexto de violência, o qual se estende ao longo de todo o continente sul-americano, representado pela vigência opressora do regime ditatorial militar, cerceador, dentre outras, da liberdade de expressão e de criação. Em um ambiente de imposições verticais, há lugar para apenas uma versão: A versão oficial dos fatos e da história. A escrita de Schlee, nessa direção,

insere-se no processo ocidental de revisão dos metarrelatos e de resgate da voz das minorias caladas, ascendendo-as à condição de também participantes da escrita da história – e da história da literatura e questionando as verdades solidificadas e unilaterais.

O interesse dos dois autores aqui considerados novamente se aproxima, no foco dirigido não aos heróis senão aos pequenos, ordinários, via de regra, os que sofrem a violência do seu espaço-tempo; é pelo ângulo de visão deles que os narradores estabelecem o seu próprio ângulo e também sua posição em relação ao universo narrado.

O *leitmotiv* do par de narrativas analisadas corresponde a situações de embate que se formam e se “resolvem” à custa da violência. No conto acevediano, somos conduzidos pela voz de um narrador que já desde o início posiciona-se temporalmente distante do fato narrado: “Foi depois do desastre de Catalã, faz muito tempo” (p. 21). O texto relata a batalha entre uma tropa invasora portuguesa, liderada pelo capitão Heitor, e um valente destacamento oriental, formado por homens, mulheres, cachorros e cavalos, comandado pelo sargento Sanabria. O enredo compreende a resistência “tão firme quanto briosa” (p. 27) de uma tropa pouco numerosa e suas estratégias diante da tentativa de invasão portuguesa.

Centrando-se mais na descrição romantizada dos defensores de uma pátria em formação do que na ação, a narrativa destaca o papel de duas mulheres, Catalina e Ciriaca, na condução dos rumos da referida batalha: esta, no abastecimento de munição e de trago para o encorajamento dos homens, em pleno *front* de guerra e ainda como fêmea a despertar os instintos dos soldados, ao que respondia com desenvoltura; aquela, no heroico ato de matar o capitão do destacamento inimigo, cravando-lhe uma faca ao peito, com extrema coragem e determinação, validando a máxima tão peculiar ao imaginário pampiano, da justiça feita com as próprias mãos, aqui em nome da pátria e daqueles que em honra dela foram mortos. Nesse sentido, é emblemático o final dos dois corpos mortos (de Sanabria e de Catalina), estirados um sobre o outro em forma de cruz e a simbologia da violência cometida contra Cristo e do sacrifício por amor a uma causa.

A narrativa de Aldyr Schlee relata o embate ocorrido em um rancho, em razão da suposta traição de que fora acusado o posteiro que nele morava, motivo pelo qual um capitão ordena a seus soldados que ateiem fogo ao referido rancho. A ordem é cumprida, porém não na íntegra, já que havia sido determinado que fossem queimados também o posteiro e quem com ele vivesse na casa. Ao chegar próximo ao rancho, a fim de atestar o cumprimento de sua determinação, o capitão percebe a presença de três sobreviventes: uma mulher e seus dois filhos, que talvez fossem a família do velho posteiro. Abusando de sua autoridade, maltrata e humilha-os, provocando, de forma surpreendente, uma reação violenta da mulher que, na defesa de suas crias, se atira sobre ele, arrancando-lhe a pele “da cara” com as unhas, deixando-o confuso, “sem forças para enfrentar a dor e com medo de estar cego”. (p. 25)

Na clara inversão de papéis, o relato termina com a imagem do capitão, vulnerável e perturbado, ofuscado pelo “esplendor vermelho” do amanhecer, numa igualmente clara alusão à atitude da mulher de tirar-lhe sangue e, com isso, colocar em xeque a supremacia masculina, assentada na força física e na coragem. A analogia entre o vermelho e o sangue nas cores do céu de um dia que se inicia reforça a atmosfera violenta já atestada na escolha do tema e na linguagem utilizada.

A violência a que remetem os contos analisados é explícita em vários momentos e instâncias dos textos; assim, a título de ilustração, citamos alguns pontos comuns: a figura do chefe militar, representativa do estado de guerra e da hierarquia de mando; em Schlee, daquele que abusa do poder e, em Acevedo Díaz, do que comanda o destacamento de resistência à invasão estrangeira; a presença da tropa a cavalo e a descrição dos sofrimentos físicos que esses animais experimentam junto aos soldados; a exploração de duas situações de combate, embora motivadas por razões distintas, travadas em torno de uma tapera que tomba em chamas; e ainda a já mencionada participação atuante da mulher, cujo fazer é de total relevância para o desfecho estabelecido.

A atmosfera violenta pode ser lida já nas primeiras linhas, nas descrições imagéticas feitas pelos narradores: “O combate da tapera” e a cena dos cavalos feridos e machucados em marcha forçada, introduzindo o tom

épico da narrativa; “As luzes do alvorecer” e a cena da tapera em chamas, reforçando a plasticidade das diferentes matizes de cor, elemento ricamente explorado no relato. Em seguida, em ambos, há o anúncio da presença do chefe militar, cuja voz e postura sublinham a utilização da violência naquele universo.

Nas descrições do espaço e das personagens não é diferente: a violência se explicita textualmente também no eixo discursivo, tanto na linguagem dos narradores, que aderem a tal atmosfera, quanto na voz (e também no silêncio) das personagens. O exemplo trazido para ilustrar a afirmação serve ao propósito de atestar algo que já havíamos comentado antes: a porosidade das fronteiras pampianas, naturalmente suscetíveis ao contato. Nesse sentido, atente-se para a semelhança da sintaxe, da entonação e do léxico nas falas imperativas, respectivamente, do sargento Sanabria, personagem do conto de Acevedo Díaz, e do capitão do conto de Schlee, na direção de seus comandados:

- Armem caçoleta e aguardem, que aí vêm os portugas! Vale o pelego, carajo! (p. 23)

- Falem, carajo! É uma ordem! (p. 21)

A contrapartida à condição de mandatário, que a evidencia, é explícita e liricamente explorada em “As luzes do alvorecer”, na reprodução que o narrador promove da desarticulação e da circularidade do pensamento do soldado, que não se completa nem se consubstancia em voz, diante do medo em relação à figura autoritária e violenta do capitão:

[...] foi possível sentir, com a ponta do sabre, o bafo nojento e podre de cada palavra, sentir as coisas se distanciarem subitamente e o estômago virar-se do avesso e o vômito despertar com o joelho no meio das pernas.

Eles haviam encontrado o rancho vazio

Eles haviam entrado no rancho

Eles estavam dentro do rancho

Eles estavam no rancho quando o velho chegou

Quando o velho chegou do mato com um atado de lenha

Quando o velho chegou do mato com um atado de lenha eles estavam dentro do rancho Ele sentia uma ânsia

Estavam dentro do rancho quando o velho chegou Uma ânsia estranha (p. 20)

Nos fragmentos destacados, fica clara a condição de hierarquia estabelecida entre o comandante e o comandado, ratificando a relação já salientada, entre homens e mulheres, nesse mesmo espaço-tempo, igualmente baseada na imposição do mando sobre a obediência. Com isso, o protagonismo das mulheres nas narrativas pesquisadas é ainda mais significativo, já que, tradicionalmente, a figura feminina é afastada da cena dos episódios belicosos e limitada aos silenciosos bastidores, embora de vital importância para tais episódios. Basta que pensemos no papel exercido na manutenção da família e, conseqüentemente, do próprio contingente guerreiro e também na organização dos ranchos, de onde era retirado o sustento das famílias. Nas narrativas do contista jaguareense e do uruguaio, entretanto, a mulher extrapola a ordinária atuação que lhe é circunscrita, seja para defender a cria, seja para atuar nas frentes de batalha, em seus momentos decisivos. Nos dois casos, colocam literalmente o corpo em luta contra um homem, para saírem vitoriosas do combate. Simbolicamente, a força e a capacidade femininas são engrandecidas e a possibilidade de desarticulação e desestabilização das hierarquias e dos discursos que a sustentam é francamente viabilizada.

Dito de forma resumida e no caminho da analogia, aproximamos duas narrativas temporalmente distantes em relação ao tempo de escrita, mas que remetem a episódios de violência, pensados a partir de um passado comum, os quais suscitam a realização da força feminina, destacando-a em um contexto dominado e protagonizado pelo homem, ao menos desde o tempo dos relatos envolvendo os heróis gregos. Interessante perceber ainda, no mesmo viés, que nos contos de Schlee e Díaz, os dois homens tornam-se inutilizados para a guerra pelas mãos de mulheres, que os atingem, portanto, em sua essência, descaracterizando grande parte do seu ser: no exemplo do capitão Heitor, com a morte, nas circunstâncias em que a mesma se dá; e no do capitão do conto schleeriano, com a confusão mental e a possibilidade da cegueira.

Historicamente, Rio Grande do Sul (Brasil) e Uruguai têm documentadas numerosas guerras e batalhas entre si e contra terceiros, aproximando os dois contextos sócio-históricos, no que se refere, dentre outros aspectos, ao passado belicoso vivido por ambos e referido pelo discurso literário. Num

âmbito cultural mais amplo, a belicosidade resgatada do passado em muito irá nutrir o imaginário coletivo, quando se pensa a identidade do homem desse lugar e a do próprio lugar, que vêm sendo construídas pela literatura.

Nesse sentido, lembramos a gauchesca como primeiro espaço de manifestação desse passado, calcado na figura do gaúcho/*gaucho*, cuja representação literária em muito será tributária, de acordo com o que vimos afirmando, da condição de guerreiro, fato que determina outras importantes características: coragem, força, desprendimento, senso de justiça, resistência. E se, por um lado, foi construído um discurso crítico que apartou a gauchesca sul-rio-grandense e a platina, resultando o fato de não terem sido lidas em conjunto, a violência é elemento que as identifica e, portanto, que as aproxima. A pesquisadora Cristiane Cecchia, já citada neste estudo, sustenta a violência como conexão entre a tradição literária gaúcha e a tradição literária ocidental. Para ela, foi também a violência que elegeu os grandes personagens da literatura gauchesca, tendo em Martín Fierro talvez o exemplo de maior alcance; na gauchesca sul-rio-grandense, respeitadas as proporções, poderíamos pensar no Nego Bonifácio, de Simões Lopes Neto.

A referência à gauchesca nos reporta novamente ao fato de lidarmos com dois territórios fronteiriços, caracterizados pela mobilidade, porosidade e pela violência: um premido entre duas nações de porte significativamente maior; e outro dividido entre as evidentes semelhanças culturais com o mundo platino e a pertença geopolítica ao Brasil. Condição que sentenciou para ambos o constante estado de guerra, em nome da defesa e da garantia dos contornos e da integridade de duas nações. E que marcou significativamente a construção do processo identitário nos dois lados da fronteira pampiana, do qual a produção literária é prova contundente e, ao mesmo tempo, questionadora.

Nesse extenso processo de comunicação, cuja gênese remete à geografia sem limites da planície pampiana e à cultura gauchesca, a tematização da violência é inegavelmente um elo entre os três países, constituindo um dos temas mais ficcionalizados e desdobrados pela narrativa rural no Rio Grande do Sul e no Prata, mantendo-se vivo e atual, à medida que vai se descortinando próprio da condição humana. Nos dois contos analisados,

além da aproximação propiciada pela exploração de um mesmo tema, há também a opção por colocar a mulher no protagonismo de uma ação tensa e violenta, eminentemente masculina.

No entender de Léa Masina (2003, p. 45), a violência é “tema que se impõe aos demais” “nos desvãos da memória coletiva” quando pensamos o estado sulino e seu habitante, especialmente na região fronteiriça, numa demonstração da força de tal imagem. Além disso, é desencadeadora de um código próprio de honra e de justiça, em nome do qual legitima determinados atos e posicionamentos. Daí a ser, para encerrar, um elemento catártico, servindo, num exemplo, para vingar os abusos cometidos pelo capitão na direção dos soldados e dos filhos da mulher e, em outro, para buscar aderência à causa independentista, de matar pela pátria.

REFERÊNCIAS

CECCHIA, Cristiane. “Identidade e violência na literatura argentina: uma leitura de “El camino de la costa”, de Juan José Saer”. Disponível em: www.letras.ufmg.br Acesso em 02 jan. 2012.

DÍAZ, Eduardo Acevedo. *Pátria uruguaia*: antologia. Tradução, seleção e notas de Aldyr G. Schlee: Porto Alegre: IEL, 1997.

DÍAZ, Eduardo Acevedo et al. *Para sempre Uruguai*. Organiz. e trad. de Aldyr Schlee e Sergio Faraco. Porto Alegre: IEL / Fundo Nacional de Cultura, 1997.

GALENO LOPES, Cícero. Transnação. In: BERND, Zilá (org.) *Dicionário das Mobilidades Culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

MASINA, Léa. Tradição, transformação e renovação na literatura sul-riograndense de fronteira. *Organon*. v. 17, dez. 2003, p. 45-51.

OREGGIONI, Alberto. (dir.) *Nuevo Diccionario de Literatura Uruguaya*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2001. Tomo I.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Contos de Sempre*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1930.

ZUM FELDE, Alberto. *Proceso Intelectual del Uruguay*. Montevideo: Editorial Claridad, 1941.